

Os desafios para ampliar o financiamento da infraestrutura

O estudo foi lançado pela Confederação Nacional da Indústria

Da Redação

Segurança jurídica, estabilidade econômica, projetos bem estruturados e a combinação de recursos públicos e privados são os quatro motores para ampliar os investimentos em infraestrutura no Brasil, segundo especialistas e representantes do setor financeiro defenderam nesta terça-feira (15), no lançamento do estudo Financiamento dos Investimentos em Infraestrutura no Brasil, promovido pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

No entanto, o levantamento mostra que o país ainda está distante do patamar necessário para modernizar sua infraestrutura, embora os investimentos tenham avançado nos últimos anos. Em 2024, foram investidos R\$ 266,8 bilhões, o equivalente a 2,27% do Produto Interno Bruto (PIB). A estimativa é que seria necessário aplicar cerca de 4,65% do PIB ao ano,

durante aproximadamente duas décadas, para alcançar um estoque de infraestrutura compatível com as necessidades brasileiras. Desse total investido em 2024, R\$ 188,1 bilhões, ou 70,5%, vieram do setor privado, enquanto os investimentos públicos somaram R\$ 78,6 bilhões.

Para o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da CNI (Coinfra/CNI) e presidente da Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA), Alex Carvalho, a infraestrutura precisa ser tratada como uma agenda de longo prazo e diretamente relacionada à competitividade brasileira.

“A competitividade está diretamente ligada à infraestrutura e à eficiência logística, e infelizmente o Brasil não tem sido um bom exemplo. Existem caminhos que podem ser utilizados e ampliados, inclusive por meio do capital privado. Mas, para isso, precisamos de demanda, capacidade de oferta, mercado consumidor



Estudo da CNI aponta segurança jurídica, estabilidade econômica, projetos estruturados e integração entre recursos públicos e privados como caminhos para ampliar o financiamento do setor

e, sobretudo, segurança jurídica. Esse talvez seja o ponto central para definir o Brasil que consegue avançar nessa agenda e o Brasil que continua patinando”, afirmou.

Alex Carvalho defendeu que o tema seja tratado para além dos ciclos de governo e integrado a uma estratégia permanente de desenvolvimento econômico e social. “Temos potencialidades e pessoas dispostas a investir, mas ainda convivemos com condi-

ções precárias para o desenvolvimento em várias regiões do país. Infraestrutura não é apenas um assunto de financiamento ou de uma instituição específica, é uma agenda que movimenta o país como um todo. Ela precisa ser entendida como um grande pacto de nação”, completou.

O economista e sócio da Inter B Consultoria, Cláudio Frischtak, responsável pelo estudo, chamou atenção para a distância entre o volume atualmente investido e o necessário para modernizar a infraestrutura brasileira.

Segundo ele, embora o país tenha conseguido elevar os aportes nos últimos anos, a lacuna permanece elevada e exigirá um esforço sustentado. “Conseguimos elevar um pouco a taxa de investimento, saindo de uma média de 1,9%

ou 2% do PIB para algo em torno de 2,4%. Mas continuamos com uma brecha muito significativa. A modernização da nossa infraestrutura demandaria cerca de duas décadas desse incremento de investimentos. Não estamos falando de um esforço de um ou dois anos, mas de uma agenda que precisa ser sustentada no longo prazo”, explicou.

As experiências de países que conseguiram ampliar seus investimentos mostram que a disponibilidade de recursos é apenas uma parte da equação. O ambiente no qual esses recursos são aplicados também pesa na decisão dos investidores.

“Para investimentos de infraestrutura, que têm horizontes muito longos, previsibilidade é absolutamente fundamental”, afirmou Frischtak.

Startups: movimento gera R\$ 129 mi em negócios

Da Redação

Uma estratégia que combina capacitação, conexão com parceiros e investidores, competições e programas de soft landing – apoio estruturado de entrada em novos mercados –, está fortalecendo a presença de startups brasileiras no exterior. Lideradas pelo Sebrae, em parceria com a ApexBrasil, as ações de internacionalização movimentaram cerca de R\$ 129 milhões (US\$ 24,8 milhões), em negócios imediatos em 2025 e abriram caminho para mais de R\$ 2 bilhões (US\$ 417 milhões) com potencial de fechamento futuro.

Os resultados referem-se ao conjunto de iniciativas de internacionalização no ano passado, incluindo o Web Summit Lisboa, o Web Sum-

mit Rio e seis missões internacionais. No total, 725 startups brasileiras foram apoiadas na jornada de conquista de novos mercados fora do Brasil.

“As startups que alcançam melhores resultados entendem que a missão não começa no embarque e não termina no último dia do evento”, disse Cristina Mieko, Head de Startups do Sebrae.

Ela ressalta que o primeiro passo para sair de um evento internacional com conexões realmente estratégicas é definir o objetivo da participação. “A startup está procurando clientes, investimento, distribuidores, parceiros tecnológicos, conhecimento sobre determinado mercado ou acesso a um programa de soft landing? Sem essa clareza, existe o risco de tentar conversar com todo mundo



725 empresas inovadoras participaram de seis missões internacionais

e não aprofundar nenhuma oportunidade”, orienta.

No ano passado, a startup DIO Inteligência Tecnológica marcou presença no Web Summit Lisboa, após ser vencedora da primeira edição

do Prêmio Sebrae Startups 2024, competição com mais de 3 mil inscritos. A startup desenvolveu uma plataforma que transforma radiografias odontológicas em imagens interativas com o apoio de IA, fa-

cilitando o diagnóstico clínico e melhorando a comunicação entre dentistas e pacientes.

Israell Paccamicio, CTO (diretor-executivo) da startup, conta que um dos maiores resultados alcançados em Portugal foi ampliar a visão da DIO sobre o mercado internacional e construir uma rede de conexões no exterior. “Hoje, olhando em retrospecto, talvez esse seja um dos resultados mais importantes: o Web Summit Lisboa ajudou a transformar a internacionalização”, avalia.

Para Israell, fazer parte de uma missão organizada pelo Sebrae fez bastante diferença. “Esse suporte permitiu que a gente gastasse menos energia entendendo a dinâmica do evento e mais energia fazendo negócios e construindo relacionamentos”, frisa.

REPRODUÇÃO